

## PRELÚDIO AO CANTO ALEGRETENSE

Antônio Augusto Fagundes

Eu já nasci gauderiando:  
como filho de perdiz,  
fui dono do meu nariz  
já descasquei - disparando!  
Meio solito ou em bando  
Escolhi os rumos que quis.

Caí no mundo correndo,  
Procurando, olhando, vendo,  
tratando de ser feliz  
sem fazer mal a ninguém,  
sempre buscando, porém,  
a tal de Felicidade.

Sei que ela existe à vontade  
em algum canto por aí.

Saí do meu Inhanduí  
e virei o mundo do avesso!  
meio grosso no começo,  
me afinando mais no fim,  
porque a vida é sempre assim,  
tem alegria e tem dor,  
tem violência e tem amor,  
tem guerra e também tem paz,  
só quem vence é o mais capaz.

Quem nasceu pra ser senhor  
não será escravo jamais.

Atrás da felicidade  
me fui a grande cidade  
como uma abelha na flor,  
buscando estudo e verdade  
sempre escolhi professor  
me deram anel de doutor!

Foi lindo mas não foi tudo  
queria mais que o estudo,  
queria, a felicidade.  
Será que ela mora longe?

Busquei paz na religião,  
eu não nasci pra monge  
mas gosto da comunhão.

Andava meio perdido,  
dando volta sem sentido,  
mas sempre voltando aqui,  
aprendendo com as crianças,  
renovando as esperanças  
dos meus tempos de guri.

Outra vez o Inhanduí!

Ah, querência, como dói,  
ser bandido e ser herói,

ser beija-flor e gavião:  
na mão esquerda e no peito  
a forma do amor perfeito  
na cuia de chimarrão  
e a forma, menos perfeita,  
da arma na mão direita  
impondo juízo e razão.

O importante é voltar  
o importante é amar!  
foi assim que envelheci...  
o meu amor está aqui  
nesta terra neste chão,  
na forma de um canção  
que brota do coração  
como perfume na flor.

Por grosso e encabulado  
eu não sei falar de amor  
mas é preciso falar,  
é preciso até gritar,  
vencer o encabulamento.

Agora, neste momento,  
a minha voz eu reclamo  
e aos quatro ventos proclamo  
gritando alto e sem medo  
o que nunca foi segredo:  
Alegrete, eu-te-amó!